

Aler^{ta}

MUNICIPIO DE BARCELLO
BIBLIOTECA

REVISTA MENSAL DE PROPAGANDA LIVRE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Campo da Feira, 14-2.º

DIRECTOR-REDACTOR UNICO

DOMINGOS FERREIRA

EDITOR RESPONSAVEL

Fernando Monteiro

Collaboradores: — Alfredo Gallis, Angelo Jorge, Arnaldo Pereira, Arthur Doria, Gonçalo Araujo, Heliodoro Salgado, Joaquim Leitão, Lucinda Ribeiro, Manoel Novaes, Maria Prado, Martins Lima, Miguel Bombarda e outros

Typographia Minerva — Famalicão

SUMMARIO: — Como combater o catholicismo? *Joaquim Leitão.* — Deus (versos), *Heliodoro Salgado.* Extractos e pensamentos. — A guerra, *Angelo Jorge.* — Blasphemias (versos), *Heliodoro Salgado.* Da pandega ao confessorario, *Arthur Doria.* — Gralhas. — Collaboração.

Como combater o catholicismo?

(INEDITO)

TODA a ideia de combate implica a noção de estrategia. Qual deve adoptar-se para combater o catholicismo?

Propagandear o atheismo?

Suppunhâmos que sim.

Entro na casa d'um operario, desvendolhe as vergonhas, as mentiras e males da Igreja e, apagando d'aquelle cerebro a luz indecisa dos tocheiros, illumino-o com o sol claro e fecundo da verdade.

Bem: tenho já um atheu.

Esse atheu tem um filho, quer dar-lhe um nome e decide-se a registral-o civilmente: o patrão sabe-o, ameaça-o com a expulsão, e o pobre diabo entre dar ao filho um pão molhado em agua benta a vê-lo morrer á fome, prefere a migalha do explorador industrial e baptisa a criança.

Deixou de ser atheu?

Não. Ao contrario, o que era convicção, destingiu para odio.

Todavia, essa convicção e esse odio tem de sopitar sob a escravidão industrialista.

E o problema do livre-pensamento apresenta-se-nos já complicado pela questão economica, a eterna «Questão de Dinheiro».

O proletario une a sua passividade a

outras e um projecto de defeza entra a elaborar-se: cooperativas de producção, cooperativas de consummo.

A solidariedade economica, na primitiva fórmula do movimento associativo, é todos os dias guerreada, inutilisada pelo lobo: o Estado.

Os cooperativistas poupam, arrecadam, mas o imposto, a caserna, a confusão dos dous erarios chupa-lhes esses poucos globulos rubros.

A questão economica encontra-se, então, decididamente, frente a frente, em guerra aberta, com o Systema Politico.

E o proletario, assim como não pôde repudiar o padre sem se emancipar do patrão, tão pouco pôde agora resolver a questão do dinheiro sem definir e transformar a questão politica.

Abolir a fome equivale a querer abolir-se o Estado.

Marchemos, pois, contra o Estado.

Destronêmos o Rei, punhâmos no meio da rua o Presidente da Republica.

Para que?

Estará a Multidão apta a comprehender os seus deveres e os seus direitos? Não!

A Multidão, que asphyxiava com o tablado do throno sobre o costado, é a primeira a lamentar os reis exilados, coitadinhos! que não faziam mal a ninguem!...

Pobre Pedro II! Pobre velho! Deixassem-o morrer em paz! Deixassem morrer a Princeza, o Conde d'Eu, e depois, se nas agencias universaes do pessoal reinante, não houvesse ninguem mais que soubesse trajar com donaire o manto d'arminho — então, tinham muito tempo de arranjar um Presidente!...

O povo de Paris apedrejou os commu-
nistas, quando entravam as portas alge-
mados, insultava-os: era o mesmo povo
que os acclamára ao partir.

O que ha, pois, primeiro que tudo a
fazer é preparar a Multidão.

Emancipando-a?

Emancipando-a.

E' necessario, porém, assentar em que
deve consistir essa emancipação.

No allivio da carga politica?

Já vimos que, evidentemente, havia
primeiro a emancipal-a da propria igno-
rancia.

E tendo querido atirar ao chão os to-
cheiros do altar, demos com o balcão do
industrial, por trás do qual havia o co-
fre de duplo-fundo do Estado, e, arran-
cando o papel azul-celeste d'esse quarto
de malta, tocamos em pedra.

Essa parede de pedra é o cerebro do
povo.

A primeira regalia a dar á Multidão e
a primeira revolução a fazer é, por con-
sequinte, esclarecer essa Multidão, edu-
cal-a.

Antes de destruir thronos e altares tem-
os de edificar escolas.

Emquanto houver um analfabeto
nunca se verá entreluzir a aurora boreal
de Felicidade Humana!

Combater, pois, o catholicismo é o
mesmo mystico dispendio de energia que
as mulheres de Ovar e Furadoiro arran-
cam ao seu desespero, indo para uma
capella, á borda d'agua, aggreir a Mãe
dos Afflictos!

O altar, o balcão do industrial e do
commerciante e o throno são secções do
mesmo edificio, mobiliario construido
com a mesma materia prima: madeira.

Nada mais facil do que queimal-os!
Nada, porém, mais inefficaz.

O velho berro dos romanticos, «por ca-
da igreja uma escola», é ainda a unica, a
infallivel estrategia d'esse combate, cada
dia mais necessario para o homem poder
respirar sem se suffocar com incenso,
para o homem poder caminhar sem tro-
peçar nos cadaveres de tuberculosos que
a exploração capitalista vae amontuan-
do, para poder pensar em voz alta sem
que o throno lhe enfie pela guéla abai-
xo o estoque do condestavel

Embora respeite todo o revoluciona-
rio parcial, como Réclus denomina os
que pretendem reformar seja o que fôr, a
orthographia ou as nomenclaturas, não
compreendo nem sei combater um ini-
migo — o catholicismo — que tem por
trás d'elle uma tremenda mole d'outros
inimigos: o Capital, o Estado!

A revista, o jornal, o pamphleto a pu-

blicar contra o catholicismo tem de se
atirar tambem, por logica, por estrategia,
por defeza mesmo, a tudo o mais!

E como eu não saíria para a rua só
para derrubar o Saldanha se elle resus-
citasse com a sua farda e as suas meda-
lhas, tambem não devem contar com o
meu alistamento de voluntario as publi-
cidades que pretendam apenas derrubar
as primeiras fileiras do inimigo.

Alargue a revista «Alerta» o seu pro-
gramma, declarando-se francamente hos-
til a regimens, a auctoridades, a mythos,
quaesquer que elles sejam, e ter-me-ha
na vanguarda do fogo sempre que não
houver, que haverá, melhores soldados.
Que, de resto, o melhor soldado da Re-
volução social é ainda — não o melhor
escriptor — mas o mais emancipado pro-
fessor de instrucção primaria.

Lisboa, março, 1905.

JOAQUIM LEITÃO.

DEUS

(INEDITO)

A meu irmão Angelo

Ou sonho ou invenção da Humanidade,
onde estás tu, que te procuro em vão? . .
E's a summa Mentira, ou a Verdade?...
Vives?... e em que remota solidão?...

Dizem alguns que estás em toda a parte...
Mas quem teve o prazer de te encontrar?
Quizera mil oblatas offerlar-te;
talvez, que façam falta ao teu jantar...

Disse-me alguém: «Procura-o no infinito».
Desde então sempre em vão os astros fito
para te vêr despontar lá pelo céu...

Mas não sei em que sombra andas immerso,
e escuto a voz augusta do Universo,
bradando-me: «Infinito, apenas eu!»

(Do livro inedito *Vibrações da Ironia*.)

HELIODORO SALGADO.

Extractos e pensamentos

O homem não é uma criação de Deus, mas
Deus uma criação do homem.

BUCHNER.

*

A morte do dogma é o nascimento da moral.

KANT.

*

Os confesores teem mais liberdade com os
penitentes, embora sejam freiras, do que teem
os maridos com as suas esposas.

BISPO DE SCIPO DE RECCI.

A GUERRA

(INEDITO)

AHI vae uma verdade que, apesar de bastas vezes enunciada e defendida já, se deve, a meus olhos, repetir amiúde, alto e bom som, para que d'ella se tomem um dia, emfim, a devida conta, grande parte de gentes escriptoras e ledoras d'estes reinos: — A sciencia social, pela sua complexidade, demanda dos que a versal-a se abalancem, além de cerebro potente e despido de preconceitos, além d'uma avultada cultura d'espírito, dia a dia avolumada por um entranhado amor ao estudo, por uma nativa predisposição meditativa, — aquillo a que os francezes chamam, pitorescamente, *vue d'ensemble*, isto é: força visionativa que permitta o abraçar-se n'um só conjuncto, n'uma poderosa synthese, os mil aspectos e feições d'um mesmo problema.

Não ha mais que uma questão social: essa, porém, divide-se de mil fórmas, ramifica-se de mil maneiras. Um gigantesco polvo, cujas dezenas, ou mais, de pernas, se estendem pelo Mundo, pela Via fóra, entrando, uma, na psychologia, outra na physiologia, mais uma na chimica, mais outra na historia, — que sei eu! De sorte que o sociologo, ou o que pretendo sê-lo, tem de seguir desde o inicio, cada uma d'essas sciencias — d'esses braços — até remontar ao corpo principal, à origem.

Não ha effeito sem causa — tem-se dito e é verdade. Em sciencia social, porém, não basta descobrir a causa, preciso é encontrar a *causa da causa*. Porque a phenomenologia do organismo social não é mais, afinal, que uma série de consequencias, filhas umas das outras. Um effeito que, á primeira vista, se nos figura minimo, vae sêr, quando menos o pensamos, a causa d'outro effeito monstruoso.

E, em sociologia, vêr só uma face das coisas, é não vêr coisa alguma de geito. E' ser-se um falho de visão, um defeituoso, imprestavel, irrisorio, onde houver gentes de vista perfeita.

Não é d'agora que eu leio, com tregeitos de desdem, nas columnas das gazetas e nas paginas de revistas, artiguitos d'escriptores e escriptoras que muito boa gente respeita sem bem saber porquê, onde, em meio de girandolas d'estylo e palavrões emocionistas, se faz á guerra uma guerra desabrida, reclamando-se, de par e passo, e a altos brados, a paz, a dôce, a sacrosanta paz universal. Taes combatentes, porém, vêsgos d'intellecto, falham o alvo, erram a pontaria desastrosamente... De fórma tal que, para um observador intelligente, assumem pro-

porções de maçaquinhos desfechando microscopicas espingardas de cana...

Taes creaturas, n'um compungimento, n'uma dolorosidade muito de causar pena se acaso não mettesse nojo, tentam pintar ao vivo os horrores execrandos da mil vezes maldita guerra — esse monstro que o padre Antonio Vieira, n'um tempo em que ainda havia jesuitas que não fossem burros, tão modelarmente descreveu, — fazendo, de par e passo, chegar aos altissimos ouvidos dos reis e imperadores, o seu clamor instante *pró Paz Universal*.

Não se lembram, porém, essas engraçadas creaturas, d'uma coisa primacial. É que a guerra é uma consequencia do militarismo: logo, quem não amar a guerra, tem de, fatalmente, condemnar as organizações militares.

Mas temos mais. O militarismo é uma consequencia do principio da auctoridade: logo, para atacar o militarismo, mister nos é atacar o principio da auctoridade. E como quer que o principio da auctoridade seja uma consequencia da defeituosidade, da iniquidade d'uma organização social onde poucos teem muito para muitos não terem nada, segue-se que indispensavel nos é derrubar esta defeituosa, esta iriigua organização social, origem do auctoritarismo.

Mas como o facto de, tão só, se derrubar sem algo se edificar resultasse esteril e vão, necessario é ainda que, de par e passo que se vae combatendo a sociedade presente, se vá apostolisando o advento d'uma nova, assente em alicerces de Verdade, com Justiça e com Liberdade erguida.

E aqui está o muito que é imprescindivel fazer, para alcançar emfim, n'una bem dita hora, essa sonhada Paz Universal que tantos bons espiritos preocupa.

A maioria dos nossos escriptores, não se lembra, no entanto, d'estas verdades comensinhas.

Vêem as coisas da sociologia por uma só das suas faces.

Discutem os phenomenos sociaes como se acaso elles fossem independentes uns dos outros.

Pretendem resolver problemas da capital importancia do da miseria, da guerra, da prostituição, etc., com prosas assucaradas e versos engalanados.

A uns, prejudica-os a forte indigencia mental; a outros o receio pueril de escandalisar o bom burguez, sempre aferrado á caixa do rapé e ás ideias estreitinhas de seus bemaventurados avós.

Como quer que seja, porém, não é verdade que são muito dignos de risonho desdem taes escriptores que o elogio mutuo *consagrou*?

ANGELO JORGE.

Blasphemias

(INEDITO)

A Christiano de Carvalho

Elle vivia inerte e somnolento
desde a mais remota eternidade,
sem pôr em jogo a sua potestade,
sem ter manifestado o seu talento.

Um dia, já não sei por que portento,
acordou da tremenda ociosidade,
para se pôr em tal actividade,
que não repousou mais um só momento...

Creou o céu, a terra, o mar, a estrella,
desde as algas do mar á philomella,
desde a brisa da tarde ao furacão...

Tudo creou; dos pinaros da serra
até aos seios intimos da terra...
Mas Deus, quem o creou? — O pae Adão!

(Do livro inédito *Vibrações da Ironia*)

HELIODORO SALGADO.

Da pandega ao confessorio

(INEDITO)

CARNAVALESCAMENTE, mulheres formosas,
mulheres feias, casadas e viúvas, filhas
e irmãs, gosaram em bailes immoraes,
vestidas a capricho...

Após um longo anno, em que passaram
horas d'aborrecimento, dias de prisão inter-
minavel, noites fastientas, entraram na es-
turdia, loucas e gritantes, na febre do *flirt*
d'acaso, do beijo attrahente do primeiro
bemvindo, dos pinchos da dança, apressa-
das por esquecerem a *banalidade* caseira,
com filhos chorosos e doentes, com paes ra-
bugentos, com maridos acanalhados.

Arrumaram-lhes com «tu», «tu», desco-
nhecidos atrevidos, e ellas gostaram; Lo-
velacês falsificados impingiram-lhes histo-
rias d'amor expontaneo e mostraram impe-
tos de beijar-lhes a «bellissima» mascara;
aguerridos vadios das salas levaram-n'as no
turbilhonar da walsa até o recanto escuro,
e ellas, esposas e mães, semi-irgens e pros-
titutas authenticas, deixaram-se levar, de
boa vontade...

A liberdade da esturdia foi maxima: —
arremessos de flôres e declarações á casada,
á amante do nosso amigo, á filha do nosso
irmão: — nada de respeito para aquelle que
convive comnosco a quem, disfarçando a
voz, contamos a sua propria vida de liber-
tinq e de corno: — a intimidade do lar, a
dignidade, a honestidade da mulher soffrem
a eterna redução: «Conheço-te! Aceitas
uma ceia?»

*

O Carnaval é a torneira magna: — sae
toda a vasa, toda a desvergonha, toda a
alegria, todo o espirito estúpido, — para a
rua, para o baile, para o grupo.

A mascara, cujo uso se perde nas festas
a Baccho, nas festas religiosas, na conspi-
ração, no crime, no fogo; a mascara serve
de *testa de ferro*: — dá incentivo ao poltrão,
ao invejoso, dá espirito ao collegial e á ca-
sadoira virginal...

Mas, á liberdade franca, de dichotes e de
saltos, de navalhas cobardes e de desgos-
tos traiçoeiros, vem a quaresma, indulgente
e doce, a chamar á confissão os que pec-
caram!

Após a folia, uma moral elastica a refi-
car-nos a energia que deve gastar-se, a toda
hora, como a maior victoria do homem!

São mais puras as mulheres que se co-
brem de mantilhas e vestidos luctuosos, e
batem no peito, e rezam, e se confessam?

Oh! não: tanto vale a mascara como a
mantilha, na pratica do bem, da dignida-
de...

*

Aos templos acodem as mesmas mu-
lheres, tristes, timidias ante a ameaça do
Dus irae.

De volta, relembram coisas que passa-
ram, e suspiram pelo carnaval seguinte. E'
o *peccado* dos sacerdotes, — a *serpente*, a se-
duzir as Evas levianas.

Mas, ao cabo, sempre vence a Igreja com
o seu fatidico confessorio, — esse maldito
tonel das Danaidas que absorve milhões de
peccados que, afinal, são a gritante manifes-
tação da vida animal e humana.

—Extremosas mães: prohibi que accor-
ram aos pés do sacerdote as vossas filhas.

Que *peccados* os seus?

Desejam um esposo, querem beijos, abra-
ços e uma ternura infinita?

Pois bem! ellas estão na unica religião
verdadeira: — na vida procreadora e san-
ta... Deixae-as casar!

ARTHUR DORIA.

Gralhas

No segundo numero saíram as seguin-
tes: incomodar-te, *Carta aberta*, por
inundar-te; sem vêr a madrugada, sem
vêr o dia, poesia *Monja*, emende-se para:
vem vêr a madrugada, vem vêr o dia.

No artigo *Pela Humanidade*: cirança,
em vez de: criança.

Collaboração

O proximo numero d'*Alerta* insere
collaboração inedita de Alfredo Gallis,
Arnaldo Pereira, Arthur Doria, Helio-
doro Salgado e outros.